

**PROGRAMA ICONOGRÁFICO DO HALL DO PALÁCIO CRUZ E SOUSA:
SENTIDOS POLÍTICOS DO ORNAMENTO EM ESTUQUE NA REFORMA
HERCÍLIO LUZ**

Clara Malossi, Alice Viana Bononi

INTRODUÇÃO

No centro de Florianópolis, junto à Praça XV de Novembro, o Palácio Cruz e Sousa constitui importante testemunho da história política e cultural de Santa Catarina. Construído em meados do século XVIII, e atualmente sede do Museu Histórico de Santa Catarina, o prédio passou por inúmeras mudanças, entre as quais se destaca a ampla reforma arquitetônica empreendida durante o primeiro governo de Hercílio Luz, entre 1894 e 1898, poucos anos após a Proclamação da República no Brasil. A pesquisa dedica-se a uma dimensão ainda pouco explorada pela historiografia referente ao Palácio: o programa iconográfico do hall de entrada, especialmente o painel central em estuque localizado no forro e suas relações com as demais alegorias presentes nesse espaço. Parte-se da hipótese de que a ornamentação executada durante a reforma não cumpriu apenas uma função decorativa, mas participou da elaboração de um discurso visual relacionado ao novo contexto político republicano. Buscou-se, assim, identificar os personagens, atributos e motivos presentes no painel, estabelecer relações entre esse repertório e as demais alegorias do hall e da escadaria e discutir seus possíveis sentidos no contexto da construção de um imaginário republicano em Santa Catarina no final do século XIX.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da pesquisa foi estruturado em etapas complementares, aproximando-se dos procedimentos de análise iconográfica e iconológica sistematizados por Erwin Panofsky. Inicialmente, realizou-se a observação direta e o registro fotográfico dos ornamentos do hall de entrada, acompanhados da elaboração de fichas descritivas destinadas à identificação dos personagens, atributos, objetos e motivos ornamentais. Em seguida, procedeu-se à análise iconográfica das figuras representadas no painel central, por meio do cotejamento com fontes literárias, repertórios mitológicos, manuais e representações visuais antigas e oitocentistas. A investigação concentrou-se particularmente na identificação de Hermes e da figura feminina que o acompanha, considerando os atributos presentes na composição e suas recorrências na tradição iconográfica. A terceira etapa consistiu na comparação entre o painel central e outros elementos figurativos presentes no hall e na escadaria, especialmente os bustos alegóricos de Marianne, Europa e América. A análise desse conjunto foi articulada à pesquisa historiográfica sobre a Primeira República, buscando compreender de que maneira a apropriação de personagens da tradição clássica e de alegorias políticas poderia participar da construção visual de valores associados ao novo regime.

RESULTADOS

Pelo levantamento realizado no hall de entrada foi possível observar um grande painel decorado por um relevo maior e 8 tipos de decorações diferentes e menores que servem de moldura para a cena principal. O conteúdo dos relevos secundários varia entre frutas, flores, animais e conchas, enquanto a grande peça central possui três figuras de aparência humana, uma masculina, uma feminina e um bebê. A figura masculina é facilmente identificada como o deus grego Hermes, ou Mercúrio na tradição romana, devido à presença de atributos recorrentes

em sua iconografia: os pés alados (*talara*), o capacete alado (*petasos*), o caduceu e aqui também aparecendo uma túnica vermelha (*clâmide*). A primeira grande aparição de Hermes na literatura foi no *Hino Homérico IV*, de autoria associada a Homero, datado entre os séculos VII à VI a.C, no qual já lhe é atribuído ainda criança algumas de suas principais características: seus pés alados, seu caduceu, e seu status como deus dos ladrões, mas também dos comerciantes. Já no século XIX, enciclopédias e manuais como *A Handbook of Mythology: The Myths and Legends of Ancient Greece and Rome* (BERENS, 1886), traziam ilustrações de Hermes junto com descrições de seus feitos. De um modo geral, a pesquisa em fontes literárias e iconográficas demonstrou a permanência dos atributos do deus desde a tradição antiga até os manuais mitológicos em circulação no século XIX. Além de mensageiro dos deuses, Hermes foi historicamente associado ao comércio, à circulação, à riqueza e às trocas, aspectos que ampliam as possibilidades de interpretação de sua presença no edifício reformado durante o governo de Hercílio Luz.

Ao contrário de Hermes, a figura feminina necessitou de análise iconográfica mais aprofundada. A percepção de um de seus pés estar apoiado em uma roda de fiar, que aparenta ter uma asa, e a fortuna como tema recorrente em outros ornamentos do Palácio, como as cornucópias, inclinou a pesquisa ao estudo da deusa alada Nêmesis, deusa da distribuição da justiça e da retribuição. Entretanto, o cotejamento iconográfico apontou maior proximidade com a deusa Tique. Conhecida como a deusa da sorte, do destino, da fortuna e da prosperidade das cidades, Tique aparece pela primeira vez na obra de Hesíodo, reconhecida como uma deusa alada, sendo seu atributo principal a roda. No século XIX, é descrita pairando em cima da roda (BERENS, 1886), assim como a figura no estuque.

Outro fator que reforça essa possibilidade interpretativa é a presença da criança no conjunto. A associação frequente da deusa Tique com o pequeno Plutus, deus ligado à riqueza, fartura e colheitas abundantes, nos abre maiores condições de leitura. No hall de entrada encontram-se também as alegorias de *Marianne*, Europa e América. A comparação entre esses elementos permite considerar que o painel central e as alegorias distribuídas pelo hall não constituem necessariamente motivos decorativos independentes. Ao contrário, observa-se uma convergência temática significativa. Hermes, a possível Tique, a criança relacionada à abundância, as moedas, as cornucópias existentes em outros ornamentos, Marianne como a República e as personificações continentais articulam um vocabulário visual no qual se aproximam República, prosperidade, fortuna, comércio, circulação e modernização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Hermes, a possível Tique, as referências à fortuna e à prosperidade, Marianne e as alegorias de Europa e América aponta para a possibilidade de compreender o hall como um programa iconográfico articulado. A ornamentação da reforma Hercílio Luz pode ser interpretada como parte de uma operação de construção simbólica do novo regime. Ao mobilizar referências à Antiguidade clássica, à tradição alegórica europeia e ao imaginário republicano francês, o espaço de representação do poder estadual incorporou visualmente ideias de progresso, prosperidade, circulação e modernidade. O estudo demonstra, assim, como a ornamentação arquitetônica pode atuar como documento histórico e político, contribuindo para compreender os mecanismos visuais empregados na construção do imaginário republicano em Santa Catarina no final do século XIX.

Palavras-chave: iconografia; história do Brasil; ornamentação arquitetônica; Brasil república.

ANEXOS

Figura 1. Estuque central do hall de entrada. Arquivo próprio.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERENS, E.M, **A hand-book of mythology : the myths and legends of ancient Greece and Rome**. New York: Clark & Maynard. 1886. Disponível em:

<https://archive.org/details/handbookofmythol00bereiala/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 21 de ago. 2026.

HESÍODO. **Hinos Homéricos**, Ciclo Épico, Homérica. Tradução de Evelyn-White, H G. Loeb Classical Library Volume 57. Londres: William Heinemann, 1914. Disponível em:

<https://www.theoi.com/Text/HesiodTheogony.html#3>. Acesso em: 21 de ago. 2026.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.